

Cursos superiores e cursos livres de dança: relações e influências - um estudo de caso no estado de São Paulo

Márcia Strazzacappa
Laborarte/Unicamp
Artista da dança, professora e pesquisadora

Resumo: O presente texto apresenta alguns dos resultados da pesquisa *Profissão: professor artista da dança*, desenvolvida pela autora com bolsa do CNPq. O recorte aqui exposto diz respeito à relação entre os cursos superiores e as escolas livres de dança. A pergunta que conduziu a investigação partiu da constatação de que a educação não-formal, (escolas livres de dança) é o lócus de formação da maior parte dos artistas da dança, apesar do aumento das graduações em dança no Brasil. Foi realizado um estudo de caso, por meio da análise de um curso superior de dança e sua relação com os cursos livres do município onde a universidade se situa. A Unicamp foi selecionada por ser a primeira universidade no estado de São Paulo a oferecer um curso superior de dança, com 20 anos de existência e localizada em um município com um milhão de habitantes. A pergunta condutora da investigação foi: Qual o impacto do curso superior de dança para o ensino e para a produção cênica de dança no município? A pesquisa foi desenvolvida por meio de entrevistas semi-estruturadas realizadas junto aos diretores e/ou proprietários das escolas livres de dança do município de Campinas. Foram selecionadas escolas com mais de 15 anos de existência no mercado e com mais de 150 alunos matriculados, segundo dados do Censo Cultural realizado pela Secretaria Municipal de Cultura de Campinas (2004). Essa etapa da pesquisa contou com a participação de uma bolsista de iniciação científica, Teka Moran, que realizou as entrevistas. Os estabelecimentos/sujeitos da pesquisa foram: Ballet Juliana Omati, Conservatório Carlos Gomes, Olmos Ballet, Academia de Ballet Lina Penteado, Academia de Ballet Iris Ativa Dança e Ballet & Cia.

Palavras-chave: Dança, formação em dança, licenciatura em dança

Introdução

O presente texto apresenta alguns resultados da pesquisa *Profissão: professor artista da dança*, (bolsa PQ2/CNPq), que visava a estudar as condições de formação e de atuação dos professores de dança no Estado de São Paulo, na educação formal e não-formal.

A educação no Brasil é classificada como formal, não-formal e informal. A educação formal, presente nas escolas de educação básica, é obrigatória, regulamentada pelo Ministério da Educação (MEC) e supervisionada pelo Estado. A educação não-formal é aquela que ocorre em ONGs, clubes, estúdios, Igrejas, escolas de educação complementar. Embora não sejam fiscalizadas pelo MEC, seguem alguns princípios da educação formal, como seriação, avaliação e certificação. No campo da educação informal está a educação do cidadão no cotidiano, na rua, em casa, nas manifestações populares. Como exemplo de educação

informal, temos as danças de rua, as danças religiosas, as danças das festas populares. As escolas livres de dança, conhecidas como academias, caracterizam-se como educação não-formal, pois ensinam dança segundo uma seriação, processos avaliativos para progressão e certificação final, por meio do DRT após prova no sindicato específico.

A pergunta que conduziu a investigação partiu da constatação de que a educação não-formal (escolas livres de dança) é o lócus de formação privilegiado da maior parte dos artistas da dança profissionais (DRT) do país, apesar de um significativo aumento das graduações em dança no Brasil.

O recorte destaca a relação curso superior - escola livre de dança, por meio de um estudo de caso: o curso de dança da Unicamp e sua relação com as academias de Campinas/SP. A Unicamp foi selecionada por ser a primeira universidade no estado de São Paulo a oferecer um curso superior de dança, com 20 anos de existência e localizada em um município com mais de um milhão de habitantes.

A pergunta condutora da investigação foi: Qual o impacto do curso superior de dança para o ensino e para a produção cênica de dança no município? Afinal, como afirma Isabel Marques:

(...) em geral, alunos de academias, estúdios, centros de cultura, universidades e até mesmo de companhias de dança, são privados de uma educação consistente, consciente e crítica na área de dança. Em outras palavras, os avanços, as pesquisas, os documentos produzidos, os artigos e as práticas na área de ensino de dança no país são sumariamente ignorados pela grande maioria de artistas-professores, como se bastasse conteúdo (a experiência artística) para poder ensinar (MARQUES, 2003, p. 136).

Descrevendo o caminho percorrido - um olhar sobre a metodologia

A pesquisa foi desenvolvida por meio de entrevistas semi-estruturadas (GIL, 2007) realizadas junto aos diretores e/ou proprietários de escolas livres de dança de Campinas/SP, consideradas tradicionais na formação de artistas da dança da região; isto é, escolas com mais de 15 anos de existência e com mais de 150 alunos, segundo o Censo Cultural da Secretaria Municipal de Cultura de Campinas (2004). Dentro desse universo, foram cinco os estabelecimentos/sujeitos da pesquisa.

Para as entrevistas, contamos com uma bolsista de iniciação científica selecionada segundo critérios relevantes para facilitar o acesso a estes estabelecimentos (ser estudante da

graduação em dança e ser, ou ter sido, aluna de uma das academias da cidade). A bolsista selecionada, Teka Moran, do 4º ano da graduação em dança, estudou na escola Bolshoi e foi primeira bailarina da Cia Juliana Omatti. O fato de a entrevistadora ser uma bailarina profissional facilitou o diálogo entre os entrevistados e a entrevistadora, sobretudo ao se verificar que alguns paradigmas sobre dança ainda prevalecem, como veremos a seguir.

As vozes que nos falam - a análise das entrevistas

Foram realizadas sete entrevistas, entre diretores/proprietários de escolas (cinco) e professores (dois). Sobre o perfil dos entrevistados quanto à formação profissional, a maioria se formou pelas escolas livres de dança, e todos iniciaram seus estudos pelo ballet clássico, técnica com a qual atuam, com exceção de um que, além do ballet, ministra aulas de dança moderna e jazz. Quatro têm curso superior, porém nenhum deles é graduado em dança, devido à ausência de cursos superiores de dança na região na época. Com exceção de um, todos entrevistados se dizem especialistas e suas especializações ocorrem em cursos realizados em festivais nacionais e internacionais, como o Cuballet e o Festival de Dança de Joinville.

Katuska Riz (2005), no texto *Trabalho e Formação Profissional em Dança*, indica que essa formação é característica de uma geração.

Os bailarinos do Balé da Cidade são formados em instituições informais, em sua maioria como academias, estúdios, workshops, entre outros. Os que construíram uma formação formalizada, o fizeram por meio de escolas técnicas, de arte ou especificamente de dança, conservatórios, e somente uma bailarina cursou nível superior em dança (RIZ, 2005, p. 26).

No Balé da Cidade, os bailarinos que se formaram em nível superior o fizeram em outras áreas do conhecimento. A formação em dança para eles não aconteceu em escolas formalizadas, mas sim por um caminho trilhado informalmente (RIZ, 2005, p.42).

As entrevistas ressaltaram um velho paradigma referente ao ballet clássico, ao se identificar que a palavra *dança* ora era usada como sinônimo de ballet, ora como técnica, perpetuando-se a idéia de que se deve iniciar os estudos de dança ainda criança e pelo ballet clássico, independente de qual estilo se vá dançar, “dança moderna” ou “jazz”.

Como é que você vai competir com uma pessoa que está estudando [dança] desde cinco, seis, sete anos de idade e quem só fez cinco anos de dança? (...) porque o tempo de duração do curso na Universidade é de cinco anos, quatro anos. Quer dizer, você não sai uma bailarina em quatro anos, começando com 17, 18 anos (entrevista 4, p. 26).

As entrevistas deixaram claro o desconhecimento por parte das escolas livres quanto à função de um curso superior de dança. Todos entrevistados referem-se ao curso universitário como sendo muito teórico e pouco prático, mostrando a desinformação que têm sobre a grade curricular do mesmo (vide www.unicamp.br).

Surgiam também comentários que nos levam a identificar certa rixa entre as escolas livres e os cursos superiores, desde os tempos da fundação do Departamento de Artes Corporais na Unicamp, como:

O curso de graduação veio após minha academia (...) o que acontecia naquela época é que a faculdade era muito teórica, só tinha a teoria. Havia até um choque entre as academias e a faculdade de dança. As pessoas que iam pra faculdade de dança não dançavam! Eram teóricas. (entrevista 3, p.5)

E chega de pesquisadores! Eu acho que a Unicamp teria que ter como base uma coisa de formar profissionais qualificados para diferentes áreas, profissionalmente, na dança, Sapateado, Sapateado Irlandês, Jazz, Clássico, Moderno, Contemporâneo, Pós-moderno, o que for, não só pesquisadores! (...) É porque teoria não nos leva a nada! (...) Então acho que o que falta na Unicamp realmente seria isso, formar profissionais destinados a cada área dentro da dança. Para mim, isso é uma faculdade de dança! (entrevista 2, pp. 13 – 14)

Considerações finais

A pesquisa permitiu compreender com maior propriedade o que embasa os pensamentos de alguns cursos livres de dança de Campinas, mesmo após a implantação, há mais de 20 anos, de um curso superior de dança na cidade. Destaca-se que, dentre os estabelecimentos/sujeitos da entrevista, apenas dois contam em seu corpo docente com egressos do curso superior de dança. A presença destes é justificada pelo fato de terem sido ex-alunos da própria escola, na qual “receberem uma sólida formação de ballet clássico” (entrevista 1, p.11). Por outro lado, pode-se constatar que a maioria é categórica ao afirmar que é necessário estabelecer uma ponte entre as academias e a universidade. Já havia, em outra oportunidade, afirmado que “as faculdades precisam das academias tanto quanto as academias precisam de faculdades de dança. Essa simbiose é mais que salutar, é necessária e fundamental” (STRAZZACAPPA e MORANDI, 2009, p. 13)

Alguns resultados da pesquisa já podem ser vistos. Alguns entrevistados se interessaram em conhecer mais sobre o que é produzido e pesquisado no espaço universitário e decidiram cursar disciplinas, visando aprimorar seus conhecimentos como artista e professor.

Outro desdobramento se configura no desejo de se investigar as escolas livres de dança “não-tradicionais”, isto é, aquelas mais recentes e que têm, em seu corpo docente, vários licenciados em dança da Unicamp. Essas escolas acabaram por provocar reflexões e impor novos paradigmas, criando outras frentes e estabelecendo outras formas de se ver e ensinar a dança. Talvez o surgimento dessas escolas seja o exemplo mais concreto e palpável do impacto do curso superior de dança da Unicamp no município de Campinas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIL, Antonio Carlos (2007) – *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas.

MARQUES, Isabel (2003). *Metodologia para ensino de dança: luxo ou necessidade?* In PEREIRA, R. e SOTER, S. (orgs). *Lições de Dança 4*. Rio de Janeiro: UniverCidade.

MORAN, Maria Thereza Piagetti (2008) Relatório de Pesquisa *O impacto do curso superior de dança da Unicamp nas escolas livres de dança do município de Campinas* (bolsa de Iniciação Científica do CNPq). Mimeo.

STRAZZACAPPA, Márcia e MORANDI, Carla (2009). *Entre a arte e a docência – a formação do artista da dança*. Campinas: Papirus.

RIZ, Katiuska (2005). *Trabalho e Formação Profissional em Dança*. Campinas: Unicamp (FE).